

PERCURSOS E PERCALÇOS DO FAZER PESQUISA NO CAMPO DO CURRÍCULO: CONSTRUÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS

RAMOS, Ana Paula Batalha – UFRJ – ramossoares@ig.com.br

PUGAS, Márcia Cristina de Souza – UFRJ – mespugas@ufrj.br

GT: Currículo / n.12

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Sobre bastidores do fazer pesquisa

O presente trabalho tem por objetivo explicitar os procedimentos teórico-metodológicos referentes à construção de um instrumento de análise de livros didáticos de História, no contexto de uma pesquisa no campo do **Currículo** entendido como um espaço de enunciação hibridizado (Macedo: 2004 , 2006)

Acreditamos que há um potencial importante na socialização da elaboração de um instrumento de análise na medida em que pode ser útil a outros, que como nós, estão interessados em compreender práticas de escolarização.

À medida que fomos ampliando o diálogo com a perspectiva curricular informada pelas contribuições dos Estudos Culturais (Canclini, 1998; Hall, 2003), procurando articulá-la com as questões que envolvem as relações construídas com os **saberes aprendidos**, sentimos necessidade de buscar formas de captar o movimento de hibridização no âmbito do processo de produção dos saberes. Nossas indagações nos instigaram a buscar possibilidades metodológicas que permitissem a apreensão de nosso objeto a partir de um olhar que se qualificava nas leituras e discussões teóricas do grupo. Como perceber momentos e modalidades de entrecruzamento das fronteiras políticas, sociais, culturais e epistemológicas no próprio processo de produção de saber escolar, em especial dos “saberes a serem aprendidos”? O que aqui se apresenta é um esforço de articulação de teoria e metodologia, que resultou no enfrentamento com as questões de linguagem e do discurso como instrumental para "ler" tanto o nosso objeto de investigação como o nosso próprio ato investigativo.

Sobre o quadro teórico

O quadro teórico aqui privilegiado foi sendo construído no próprio movimento do fazer pesquisa. Falamos do campo do currículo e a partir dele estabelecemos diálogo com as diferentes possibilidades de interlocução que encontramos pelo caminho. Reconhecemos assim as imbricações políticas e ideológicas do fazer curricular.

Por um tempo nos satisfizemos com a idéia de currículo como um “artefato cultural”. Com essa expressão tentávamos resolver várias questões que tangenciavam poder e cultura na reflexão sobre currículo. Ao mesmo tempo em que tínhamos conseguido entender que o currículo era uma construção social, tínhamos achado um novo meio de reificá-lo. Ele não era mais a listagem dos conteúdos universais pretensamente neutros e, deixando de ser um repertório de saberes, passava a ser um repertório de culturas... fragmentadas, diferentes mas ainda assim coisificadas.

Optamos por estreitar o diálogo com alguns dos representantes dos chamados Estudos culturais (Canclini, 1998 Hall, 2003). Com isso conseguimos resolver algumas questões e suscitar novos questionamentos. Em um mesmo movimento desatávamos nós e criávamos outros. Do ponto de vista conceitual, algumas das contribuições das críticas pós-modernas e pós-coloniais foram bem vindas para entender conceitos como: cultura, poder, linguagem e identidade, pois nos permitiram não mais essencializar essas noções. Tratava-se de vê-las como processos, capilares, ambivalentes, celebrações móveis presentes nos discursos, nos jogos de linguagem. Pouco a pouco foi ficando inteligível para nós falar de currículo como prática cultural discursiva, produtora de identidades.

A leitura dos textos mais recentes de Macedo (2004, 2006) ajudou-nos a perceber a potencialidade analítica do conceito de hibridismo quando aplicado no campo do currículo percebido como um espaço de enunciação no qual não são produzidos apenas objetos a serem ensinados (saberes escolares), mas também posições de sujeitos em disputa permanente pelos sentidos de mundo produzidos e veiculados por esses saberes. Os saberes deixam de ser percebidos como “propriedades” de grupos específicos interagindo em relações hierárquicas e verticalizadas de poder e assumem a condição de enunciados que posicionam sujeitos em relações assimétricas de poder em conflito onde emergem e interagem manifestações plurais de regulação e subversão na disputa pela hegemonia, ainda que seja provisória. Saberes híbridos. Ambivalência, simultaneidade, incompletude, provisoriedade passaram a incorporar nossas ferramentas conceituais no combate ao pensamento dicotômico tanto no plano epistemológico, como político. Tornou-se assim, urgente o enfrentamento metodológico com a questão a linguagem.

Fairclough (2001) têm sido um profícuo interlocutor até agora. Estamos aos poucos aprendendo a operar com a **Análise Crítica do Discurso Textualmente**

Orientada(ACD¹TO)¹, não como panacéia, mas como um instrumental que precisávamos nesse momento. Estamos tateando, atrás de pistas, de vestígios, nos saberes a serem aprendidos, de discursos provisoriamente hegemônicos sobre História, escola, aluno, aprendizagens e saberes escolares. Discursos incompletos trazendo consigo seus outros-discursos, também provisoriamente subversivos.

Exercícios nos livros didáticos de história: aproximações empíricas

Tomamos o livro didático como uma prática discursiva específica, como lugar de produção, distribuição e consumo de saberes híbridos, na qual a presença do discurso pedagógico é uma de suas marcas mais evidentes. Tratando do livro didático de história procuramos igualmente perceber traços dos discursos sobre história e história ensinada, procurando trabalhar a dimensão da interdiscursividade presente nesses textos. Interessadas em compreender as aprendizagens em história, precisávamos atribuir sentido ao próprio ato de aprender.

As contribuições teóricas da Análise do Discurso, nos ajudaram pensar a aprendizagem como uma forma de significar o mundo participando de um espaço de enunciação específico – o currículo, no nosso caso, o de história. Os exercícios de história emergem assim como pistas textuais interessantes para se pensar as “expectativas de aprendizagem” produzidas via livros didáticos.

Pudemos perceber os exercícios como um gênero de discurso marcado textualmente por ambivalências, interdiscursos, evidenciando as incompletudes dos discursos hegemônicos e a necessidade da busca permanente de sentidos negociados; como enunciados que posicionam diferentes sujeitos: professores, alunos, autores de livro didático, gestores educacional, responsáveis pelas políticas públicas; como pistas para perceber os discursos hegemônicos e subversivos sobre aprendizagem e sobre História e finalmente, como os indicadores daquilo que é considerado nessa disputa e negociação como válido e não válido a ser ensinado /aprendido.

Nosso desafio, nessa etapa da pesquisa, era construir uma grade de análise de

¹ Por situar-se no entrecruzamento das ciências humanas, a Análise do Discurso não pode ser vista como campo bem delimitado de investigação, mas sim uma forma de apreensão da Linguagem, que visa a incorporar a noção de lugar social nas análises lingüísticas. Fairclough distingue as Análises do Discurso (AD) das Análises Críticas do Discurso (ACD): para as primeiras, a ênfase está posta nos estudos propriamente lingüísticos (orientada textualmente); para as segundas, o olhar das teorias sociais é privilegiado (orientada socialmente). A proposta deste autor (ACD¹TO) é justamente a de elaborar um método que permite (re)equilibrar estes dois pólos. Nesta pesquisa, trata-se de recorrer à Análise de Discurso como inspiração metodológica capaz de orientar a investigação sobre questões definidas fora do campo lingüístico.

exercícios prescritos nos livros didáticos de história que nos permitisse percebê-los como um conjunto de “traços” com potencial heurístico para o estudo da aprendizagem em história.

Percursos e percalços no fazer pesquisa

Utilizamos inicialmente como estratégia metodológica, a consulta a modelos diferentes de instrumentos² de análise do livro didático, com o objetivo de compará-los, apontando os pontos em comum e pontos divergentes, partes que abordavam a análise do livro como um todo e partes que versavam apenas sobre a análise dos exercícios com olhar de pesquisadoras procurando nos distanciar do lugar de professora / coordenadora pedagógica, que somos.

Tendo em vista que interessava-nos construir um instrumento que permitisse apreender o fazer curricular na perspectiva da aprendizagem ou mais precisamente na "expectativa de aprendizagem", definimos que seria importante considerar tanto a análise dos exercícios do livro do aluno quanto o manual do professor.

À medida que nos apropriávamos desse referencial teórico redimensionávamos nosso olhar sobre o próprio instrumento: eliminamos questões e elaboramos outras. Importa sublinhar que foram muitas idas e vindas, os avanços e retrocessos neste processo. Foi possível perceber o quão difícil e importante era elaborarmos questões que traduzissem as discussões suscitadas pelo quadro teórico no que diz respeito aos sentidos atribuídos a currículo, saberes escolares, livro didático, aprendizagens. A apropriação do quadro teórico da ACDTO nos fez optar por uma pausa na beira do caminho e ler a grade como um gênero discursivo específico de uma prática discursiva singular- o fazer pesquisa em educação.

O instrumento: uma configuração discursiva ainda provisória.

Vale ressaltar que o momento aqui apresentado é anterior à testagem do instrumento na empiria, isto é, à verificação de sua pertinência para a análise dos exercícios nos livros didáticos. Ele corresponde ao desafio de adequá-lo ao quadro teórico escolhido. O que se segue indica que o enfrentamento está apenas começando.

Passamos então a interpelar a nossa grade procurando identificar nas questões elaboradas aquelas que nos ajudariam a perceber os sentidos atribuídos nessa prática

² Uma *Ficha de Avaliação* dos livros didáticos de História (PNLD/2005), um *Guião* proposto por Morgado (2004) e uma *Grade para Análise dos Livros Didáticos* (Gabriel, 1999).

discursiva específica a “aprendizagens em história”. Em quais questões formuladas poderíamos por exemplo perceber nos exercícios/ enunciados discursos hegemônicos e subversivos sobre posições de aluno no ato de aprender? Como formular questões que permitam trabalhar o discurso materializado nesse gênero discursivo específico- os exercícios, como constituinte de diferentes objetos e sujeitos? Como apreender o híbrido nas marcas textuais dos discursos sobre aprendizagens em história presentes nas formulações dos exercícios? Que memórias e projetos de sociedade estão em disputa e sendo negociados através dos exercícios formulados?

Ler o instrumento a partir dessas questões nos fez enxergar a importância de verificar a coerência entre cada uma de nossas opções, os pressupostos teóricos e os objetivos da pesquisa. Algumas questões deixavam transparecer a presença em nossas formulações de discursos sobre currículos dos quais tentávamos nos distanciar. Outras redimensionaram seu sentido tornando-se centrais.

Referências Bibliográficas

CANCLINI, Néstor , **Culturas híbridas**. Edusp, São Paulo, 1998.

GABRIEL, Carmen Teresa, **O saber histórico escolar: entre o universal e o particular**. Dissertação de Mestrado, defendida na Dissertação de Mestrado defendida no Departamento de Educação da PUC-Rio, fevereiro 2000.

FAIRCLOUGH, Norman, **Discurso e Mudança Social**, Brasília, Editora, UNB, 2001

HALL, Stuart, **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**, Belo Horizonte, Editora, UFMG, 2003

MACEDO, E. **Currículo e hibridismo: para politizar o currículo como cultura**. Questões Contemporâneas de Currículo, Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003/2004.

_____. **Currículo: Política, Cultura e poder**. Currículo sem Fronteiras, v.6, nº2, 2006.

_____. **Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural**. Revista Brasileira de Educação, v.11, nº32, 2006.

MORGADO, J **Manuais escolares. Contributo para uma análise**, Porto

Editora, 2004